

A APLICAÇÃO DA CONCORDÂNCIA VERBAL EM DUAS COMUNIDADES DE PRÁTICAS DE SERGIPE

Thaís Regina Conceição de Andrade (UFS)
thayssrandrade@gmail.com

Introdução¹

Ao assumirmos a abordagem da Sociolinguística Variacionista, que parte da premissa de que o sistema linguístico não é homogêneo e sim heterogêneo, entendemos que a variação é um fenômeno próprio das línguas naturais, possível de serem sistematizadas mediante descrição de regras variáveis, regras que possibilitam usos alternativos de formas linguísticas expressando o mesmo valor referencial ou representacional. A Teoria da Variação estuda os padrões sistemáticos da variação e a mudança linguística na sociedade, tendo como objeto de estudo “a língua tal como usada na vida diária por membros da ordem social, este veículo de comunicação com que as pessoas discutem com seus cônjuges, brincam com seus amigos e ludibriam os seus inimigos” (LABOV, 2008, p. 13), com o intuito de estabelecer uma relação entre estrutura e a evolução da língua dentro da comunidade.

Na perspectiva de terceira onda de estudos sociolinguísticos, Eckert (2012 *apud* FREITAG, MARTINS; TAVARES, 2012) propõe a mudança do foco dos estudos da correlação entre estrutura linguística e estrutura social – predominante na Sociolinguística Variacionista de base laboviana – para as práticas e seus valores em uma dada comunidade, incorporando, dessa forma, a dinamicidade da estrutura com os condicionamentos sociais impostos e as relações de poder estabelecidas atuando sobre dada comunidade. A proposta de mudança do foco requer também uma mudança no aparato metodológico, com o estudo de comunidades de práticas.

Para Eckert e McConnell-Ginet (2010 [1992]), uma comunidade de prática se caracteriza por ser constituída por pessoas que se reúnem em prol de um objetivo comum, em torno do aprendizado e, principalmente, da sua aplicação prática podendo ela ser constituída por pessoas trabalhando juntas em uma empresa, a família nuclear, colegas de classe, grupos religiosos etc. Essas comunidades podem ser grandes ou pequenas, intensas ou difusas; podem sobreviver a várias mudanças de membros e ainda podem estar articuladas a outras comunidades. As pessoas participam de múltiplas comunidades de prática, e a identidade individual é baseada na multiplicidade dessa participação. Dessa forma, no lugar de conceber o indivíduo como uma entidade a parte, pairando sobre o espaço social, ou como um membro de um grupo específico, ao invés disso, precisamos focar nas comunidades de prática, de modo que esses espaços sociais nos possibilitam ver o indivíduo como agente articulador de uma variedade de formas de participação em múltiplas comunidades de prática.

¹ Trabalho decorrente do desenvolvimento do plano de trabalho intitulado *Língua, identidade e cultura: gênero em relações de faixa etária*, vinculado ao projeto *Língua, identidade e cultura: efeitos de gênero nas representações sociolinguísticas em Sergipe*, coordenado pela Profa. Dra. Raquel Meister Ko. Freitag, no período de 2013-2014, junto ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da Universidade Federal de Sergipe, com bolsa COPES/UFS. Também vinculados ao projeto encontram-se os planos de trabalho *Língua identidade e cultura: gênero em relações de escolaridade*, desenvolvido por Cristiane Conceição de Santana, graduanda em Letras –Universidade Federal de Sergipe, bolsista PIBIC/CNPq no período 2013-2014 e *Língua identidade e cultura: gênero em relações públicas vs. privadas*, desenvolvido por Valéria Santos Sousa, graduanda em Letras – Universidade Federal de Sergipe, bolsista PIBIC/CNPq no período 2013-2014 .

A observação da variação e mudança em comunidades de práticas permite um olhar mais acurado para os valores associados a cada uma das variantes no âmbito local (o que é prestígio para certos grupos não o é para outros), viabilizando uma discussão sobre o que é marca linguística de prestígio e o que é marca linguística de estigma em microsituções. A partir disto, neste trabalho analisamos os efeitos de sexo/gênero na linguagem considerando a diferença de faixas etárias quanto à aplicação *versus* a não aplicação da regra da concordância verbal no uso linguístico dos indivíduos de duas comunidades de práticas do estado de Sergipe.

O sexo/gênero é um fator influenciador na linguagem; *a priori* a assimetria sexual mais evidente na fala de homens e mulheres encontra-se na altura da voz, uma vez que as mulheres têm uma voz mais aguda e uma oitava mais alta, enquanto os homens têm uma voz mais grave e baixa (COULTHARD, 1991). No entanto, para a Sociolinguística, essa marca não consegue mostrar as diferenças linguísticas que existem na fala de mulheres e homens, uma vez que a diferença de sexos/gêneros é demarcada, dentre outras formas, pelo uso da língua. Nesse viés, estudos apontam que fatos linguísticos dependem das variáveis situacionais e sociais (PAIVA, 2003; COULTHARD, 1991, LABOV, 2008; SCHERRE; YACOVENCO, 2011, RODRIGUES, 2004, SOUZA, 2011, RUBIO, 2007) e que as formas de prestígio tendem a predominar na fala feminina, visto que o gênero/sexo pode ser um grupo de fatores significativo para processos variáveis de diferentes níveis (morfológico, semântico e sintático) e apresenta um padrão muito regular: em geral, as mulheres são mais sensíveis ao significado social, atribuindo, assim, mais valor de prestígio a determinadas variantes, em relação ao homem.

Conforme Paiva (2003), as diferenciações na fala de mulheres e homens se dão pelo plano lexical, uma vez que a análise da dimensão social da variação e da mudança linguística considera a hipótese que o maior ou menor uso de certas variantes, em especial, aquelas que envolvem o binômio forma padrão/e não padrão estejam associados ao gênero/sexo do falante e à forma de construção social dos papéis feminino e masculino.

A faixa etária também é um fator social que influencia a fala dos indivíduos, possibilitando que emergam inovações linguísticas com o passar do tempo. Essas inovações acontecem porque cada geração vai se adequando ao seu contexto social. Segundo Freitag (2005), a faixa etária é uma variável extremamente complexa, pois a ela estão relacionados outros aspectos extralinguísticos, tais como: rede de relações sociais, mercado de trabalho, escolarização e gênero/sexo. Disso decorre que nem todo processo de mudança em curso sugerido pela distribuição dos resultados em função do fator idade é reflexo somente da gradação etária. Diferentes estudos (SILVA, 2005; LEMLE e NARO, 1977; NARO E SCHERRE, 1998; SOUSA, 2011; FREITAG, 2005) mostram que os idosos tendem a fazer uso de traços linguísticos mais antigos no sistema e os jovens costumam usar inovações linguísticas e se aproximam mais das variantes prestigiadas socialmente. Para captar nuances mais específicas do efeito da faixa etária é preciso observar o uso linguístico dos indivíduos dentro de comunidades de práticas.

Há mais de três décadas têm sido desenvolvidos diversos estudos sobre a regra de aplicação ou não aplicação da concordância verbal no português brasileiro – Lemle e Naro (1977), Lima (2001), Maya e Silva (2000), Naro e Scherre (1998), Rodrigues (2004), Rubio (2007), Silva (2005), Sousa (2011), Zilles et al (2000), entre outros – e que compartilharam de um mesmo ideal de língua: a realidade linguística não é apenas variável e heterogênea, mas também é múltipla, na medida em que nos diversos espaços sociais coexistem, ao lado de uma variedade culta, considerada canônica, baseada nas gramáticas normativas e outra variedade considerada não canônica, dita como popular.

A concordância verbal é considerada uma regra variável do português brasileiro falado no que diz respeito ao desempenho linguístico dos falantes, ou seja, no resultado das delimitações determinadas seja pela classe social, pelo nível de formalidade situacional em que os interlocutores estão inseridos, pelo grau de escolarização etc. A aplicação ou não aplicação da regra da concordância verbal pode ser realizada por um mesmo falante.

A partir dos estudos referidos partimos do pressuposto de que a comunidade universitária do PIBID de Matemática, por ter mais acesso à norma gramatical, ou seja, norma culta, seus membros tendem a se monitorar mais quando estão falando, pois têm um maior nível de consciência quanto ao uso de determinadas variantes, uma vez que a não aplicação da regra de concordância verbal é considerada, do ponto de vista social, estigmatizada, o que faz com que haja um favorecimento maior quanto à aplicação e o uso padrão da concordância.

Conforme os resultados de Naro & Lemle (1977), Scherre & Naro (1998), Silva (2005), Rodrigues (1989), acreditamos que nas duas comunidades em questão a aplicação da regra é maior na fala de membros mais escolarizados, além da tendência de mudança em curso em direção a implementação da aplicação da norma de concordância verbal, liderada pelos mais jovens, mulheres e residentes da zona urbana.

1 Procedimentos metodológicos

A metodologia adotada nessa pesquisa implicou em dois níveis: um é o nível macro, seguindo a sociolinguística clássica, aos moldes labovianos, que categoriza os sujeitos da pesquisa segundo critérios como sexo, idade, escolaridade e classe socioeconômica; e o outro é o nível micro, que visa focar o levantamento de dados em comunidades de prática, nesse nível faz-se necessário realizar uma abordagem de base etnográfica (cf. FREITAG; MARTINS; TAVARES, 2012; FREITAG, 2013). A etnografia aplicada aos estudos sociolinguísticos tem envolvido diferentes procedimentos e caracteriza-se pelo envolvimento do pesquisador no ambiente natural da pesquisa, exigindo uma observação e uma interpretação de entendimento dos dados coletados, fazendo com que ele tome parte de alguma atividade peculiar da comunidade. Nesse método, os dados coletados podem ser feitos em narrativas ou história de vida, entretanto, não se pode de maneira alguma perder o ponto chave da etnografia, que é a descrição contextualizada dos fenômenos pesquisados. Com base nisso, analisamos a aplicação da regra de concordância verbal ocasionadas pelas variáveis gênero/sexo e faixa etária nas comunidades de práticas “Mãe da Divina Graça” e o “PIBID de Matemática” utilizando essas duas metodologias para o levantamento dos dados.

O primeiro passo da metodologia foi identificar duas comunidades de práticas que possibilitassem estudar a questão do gênero em relação à faixa etária. O segundo passo foi visitas frequentes nesses dois ambientes, após os contatos iniciais começamos fazer anotações de campo, gravações das reuniões, observações do comportamento membros das comunidades, descrições e estudos detalhados sobre a história da região e do grupo a fim de identificar fatos que pudessem ser relevantes para análise dos dados. O terceiro passo foi a elaboração de um roteiro de entrevista com perguntas relacionadas à educação, segurança, local de moradia, cultura, a questão do gênero (homem e mulher na sociedade), anexo a esse roteiro colocamos 15 perguntas obrigatórias acerca de atitudes linguísticas, relacionadas a sotaque, características marcantes na fala das pessoas e os usos de determinados pronomes e também adicionamos um pequeno texto, de modo a analisar algumas marcas linguísticas. O quarto passo foi a realização das entrevistas individuais, nesse procedimento, nós

entrevistamos todos os membros de ambas as comunidades, uma vez que elas não são muito grandes dando possibilidade para isso. De cada comunidade selecionamos as entrevistas dos informantes considerados ideais, ou seja, aquele que se destacaram mais no grupo, de modo a avaliarmos suas *personas* em diferentes espaços sociais. Cada entrevista durou em média 40 a 60 minutos com a finalidade de captarmos nuances, estilos, a marca identitária e os papéis sociopessoais de cada indivíduo.

Para constituição do *corpus* realizamos 24 entrevistas sociolinguísticas, sendo 12 de cada comunidade de práticas e documentamos 5 reuniões, 2 do PIBID, com duração de 2 horas e quarenta minutos cada e 3 reuniões do Mãe da Divina Graça, com duração de 1 hora cada. Após constituirmos o *corpus* transcrevemos todas as gravações utilizando o *software Transcriber* e em seguida as revisamos. Para identificação e extração dos dados utilizamos o *software R Studio*, que extraiu 835 ocorrências dos sujeitos pronominais explícitos (nós, eles (as) e vocês), juntamente com o contexto precedente e o contexto seguinte para que pudéssemos analisar se a oração extraída era um sintagma verbal. Foi realizada a codificação quanto a aplicação ou não à aplicação da concordância verbal e também quanto à influência dos fatores linguísticos: o tipo de sujeito, saliência fônica, material interveniente entre pronome e o verbo e o tipo de conjugação do verbo e extralinguísticos: gênero/sexo, faixa etária, escolaridade, zona de residência e o tipo de coleta (entrevistas e reuniões). Após todos esses procedimentos, rodamos os dados utilizando o programa *GoldVarb X* para obtermos o total de ocorrências quanto à aplicação da concordância verbal, o percentual e o peso relativo do que foi mais significativa para a nossa análise.

1.1 Contextualização das comunidades de práticas PIBID de Matemática e Mãe da Divina Graça

Nesta subseção, contextualizamos sinteticamente as comunidades de práticas sob análise, PIBID de Matemática e Mãe da divina Graça, partindo do geral para o específico. Para tanto, contamos com fontes documentais (manual, editais e instruções normativas) e informações de fonte oral, fornecidas pelo Professor Dr João Paulo Attie, coordenador do PIBID de matemática da UFS, senhora Irene Pereira e o senhor Edvaldo Cerqueira, presidente e membro, respectivamente, do grupo Mãe do Divina Graça, de forma breve descrevemos o porquê da seleção dessas comunidades.

No ano de 2007, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), órgão vinculado ao Ministério da Educação lançou o edital MEC/CAPES/FNDE 2007, que institui o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), com a finalidade de valorizar o magistério e apoiar estudantes de licenciatura plena, das instituições públicas de educação superior. Os objetivos do PIBID são: incentivar a formação de professores para a educação básica, especialmente para o ensino médio; valorizar o magistério, incentivando os estudantes que optam pela carreira docente; promover a melhoria da qualidade da educação básica; impulsionar a articulação integrada da educação superior do sistema federal com a educação básica do sistema público, em proveito de uma sólida formação docente inicial; elevar a qualidade das ações acadêmicas voltadas à formação inicial de professores nos cursos de licenciaturas das instituições federais de educação superior; estimular a integração da educação superior com a educação básica no ensino fundamental e médio, de modo a estabelecer projetos de cooperação que elevem a qualidade do ensino nas escolas da rede pública. Segundo o coordenador do PIBID de Matemática, essas ações são importantes para que os futuros professores cheguem mais preparados para a realidade que vão enfrentar, já que os estágios não estão sendo eficazes. Sendo assim, esse

programa promove a integração entre educação superior e educação básica, proporcionando aos futuros professores a participação em experiências metodológicas, tecnológicas e práticas docentes de caráter inovador e interdisciplinar e que busquem a superação de problemas identificados no processo de ensino-aprendizagem. O PIBID, de uma maneira geral, incentiva as escolas públicas de educação básica a tornarem-se protagonistas nos processos formativos dos estudantes das licenciaturas, mobilizando seus professores como co-formadores dos futuros professores.

Embora o edital do PIBID tenha sido lançado no ano de 2007, só foi implementado nas universidades que aderiram ao programa no ano de 2009. Em junho deste mesmo ano, o PIBID de matemática iniciou suas atividades na Universidade Federal de Sergipe. O processo de seleção dos bolsistas deu-se por meio de edital interno; os coordenadores do projeto estabeleceram quatro critérios para a escolha do bolsista: a disponibilidade de horário e a carta de intenção com peso 3, e os outros dois são a MGP e a entrevista individual, com peso 2. Logo no início do programa, no Departamento de Matemática, foram selecionados 9 bolsistas; após dois anos, em novo edital, o número de bolsistas foi ampliado para 15.

O grupo PIBID de Matemática, atualmente, conta com 15 bolsistas e 2 voluntários. Tal grupo é composto por 12 homens, incluindo o coordenador, e 6 mulheres. Nessa comunidade de práticas, a maioria dos membros tem a mesma faixa etária, entre 20 a 27 anos, e tem o mesmo nível de escolarização, diferindo apenas o coordenador do projeto, que têm 52 anos e é doutor em Educação. O grupo se reúne no Departamento de Matemática no *campus* da Cidade Universitária Prof. José Aloísio de Campos, na zona urbana no conjunto Rosa Elze na cidade de São Cristóvão/SE, uma vez por semana, toda quinta-feira. A reunião inicia às 9 horas e encerra às 12 horas; nesse encontro semanal, são discutidos diversos assuntos, a atividade é dividida em quatro momentos: no primeiro momento, o coordenador fala sobre os informes da semana e o que tem de novo; depois, os bolsistas relatam como foi a aplicação das atividades nas escolas; no terceiro momento, eles e testam novos jogos para ver se é possível aplicar conteúdos matemáticos nos jogos, ocasião em que todos opinam a respeito da atividade, dizem o que precisa melhorar etc.; no quarto momento, o coordenador define, com a colaboração de todos, o cronograma e a escala semanal; e, por fim, um seminário é conduzido por um bolsista, previamente designado.

A outra comunidade analisada é a “Mãe da Divina Graça”, que faz parte de um movimento maior da igreja católica denominado de Legião de Maria, que foi criado Dublin, Irlanda, em 1921, e se espalhou por várias partes do mundo. A comunidade Mãe da Divina Graça foi fundada em setembro de 1989 e é constituída por 13 membros, sendo 12 mulheres e apenas um homem, com faixas etárias entre 22 a 83 anos. Esse grupo se reúne duas vezes por semana, na igreja Santa Rita de Cássia, no povoado Açuzinho, zona rural do município de Lagarto, em Sergipe. O primeiro encontro semanal acontece sempre às segundas-feiras, das 19h às 20h, com a finalidade de estabelecer trabalhos voluntários: levar a eucaristia aos doentes, fazer visitas famílias enlutadas, asilos, hospitais e círculos bíblicos, etc. e o segundo é realizado ou na quarta ou na sexta-feira, a depender do melhor dia para todos os membros. Esse encontro é justamente para realizar o trabalho estabelecido na primeira reunião.

1.2 Faixa etária, gênero/sexo e as comunidades analisadas

A escolha dessas comunidades deu-se pelo fato de ambas nos possibilitarem estudar de que forma fatores externos contribuem para construção de uma identidade linguística. O contraste entre elas é significativo: enquanto o PIBID de Matemática, em

sua maioria, é constituído por jovens, entre homens e mulheres, com idades de 20 a 27 anos; universitários, cursando entre 6º e o 10º período da graduação; as discussões do grupo giram em torno de assuntos referentes à prática e ensino, educação, profissão, universidade etc.; os membros dessa comunidade residem em diferentes municípios (Laranjeiras, Nossa Senhora do Socorro, Aracaju e São Cristóvão), porém passam a maior parte do tempo no município de São Cristóvão, no bairro Rosa Elze, zona urbana, onde fica localizado a Universidade e as escolas cujas atividades são aplicadas. Já a comunidade “Mãe da Divina Graça”, grupo de cunho religioso, a maioria dos membros são pessoas mais velhas entre 51 a 83 anos; com um nível de escolarização bastante diversificado, indo do fundamental menor ao ensino superior, e também pessoas não escolarizadas, todos residentes da zona rural, no povoado Açuzinho, em Lagarto; os assuntos por eles debatidos são referentes a: religiosidade, família, trabalhos voluntários etc.

As assimetrias existentes entre as comunidades podem influenciar na aplicação ou não da regra concordância verbal. Levamos, também, em consideração a relação de hierarquia, ou seja, de poder, uma vez que ambos os grupos apresentam uma hierarquia bem demarcada, e analisamos em quais momentos eles se monitoram mais, se nas reuniões, ambiente onde o indivíduo apresenta sua face pública, ou nas entrevistas individuais, momento privado no qual ele está menos preso às pressões sociais.

Para exemplificar como essas comunidades estão agrupadas quanto aos fatores sociais gênero/sexo e a faixa etária e como se organizam hierarquicamente, apresentamos o quadro 1 e as figuras 1 e 2.

Quadro 1: Relação do sexo e faixa etária das duas comunidades

	PIBID de Matemática		Mãe da Divina Graça	
	Sexo		Sexo	
Faixa etária	6 mulheres	12 homens	12 mulheres	1 Homem
	20 – 25 anos	20 - 27 anos	22 anos	71 anos
		52 anos	42 – 54 anos	
			60 – 83 anos	

Figura 2: Organização hierárquica do PIBID de Matemática

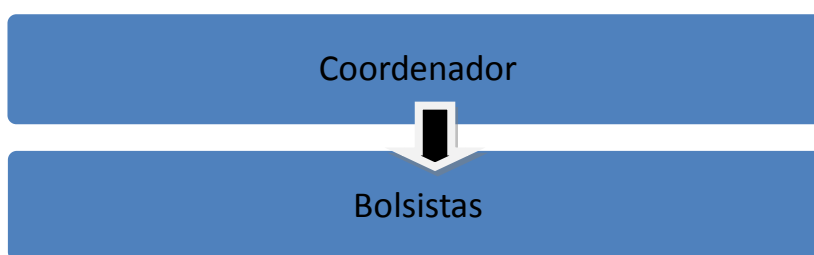
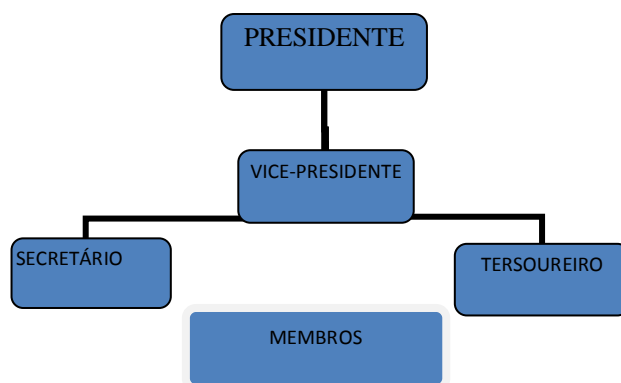


Figura 2: Organização hierárquica da comunidade Mãe da Divina Graça



2. Resultados e discussões

Nesta seção apresentamos os resultados acerca da análise dos dados obtidos a partir das entrevistas e reuniões das comunidades Mãe da Divina Graça e PIBID de Matemática.

Quanto à faixa etária, tabela 1, os dados mostram que os informantes da faixa I (20 a 30 anos) tendem a aplicar com maior frequência a regra de concordância verbal, com o percentual de 91%, seguido pelos informantes da faixa etária II (40 a 59 anos), com o percentual de 85% o que faz com que nossa pesquisa contribua com outros estudos já realizados com embasamento sociolinguístico partindo do pressuposto de que a faixa I, os jovens, e a faixa etária II tendem a preferir pelo maior uso da aplicação da regra da concordância, o que pode demonstrar a tendência de mudança em curso em direção à implementação da aplicação da norma. Segundo Scherre & Naro (1998) e Souza (2011), isto pode se dar devido ao fato de que essas pessoas estão pressionadas pela idade profissionalmente produtiva e pelo fato de que o mercado linguístico é uma variável que mede a correlação entre o tipo de atividade profissional desenvolvida por cada pessoa e a necessidade que ela tem de usar formas linguísticas de prestígio. Já a faixa etária III (60 - 78 anos) tende a fazer menor aplicação da regra com o percentual de 53%.

Tabela 1: Aplicação e percentual da faixa etária

Faixa Etária	Apl. / total	Percentual
Faixa I (20 – 30 anos)	286/313	91%
Faixa II (40 – 59 anos)	275/325	85%
Faixa III (60 – 78 anos)	104/197	53%

Conforme apresentam os resultados da tabela 2, os informantes com mais anos de escolarização, ou seja, com nível superior apresentaram maior uso referente à aplicação da regra da concordância entre o sujeito pronominal e o verbo, com o peso relativo de 0.68, enquanto os com menos anos de escolarização, isto é, os que estudaram até o nível fundamental tiveram peso relativo de 0.19, afastando-se do uso recorrente da forma de prestígio.

Tabela 2: Aplicação da regra de concordância entre o verbo e o sujeito em relação à escolaridade

Escolaridade	Apl. / total	Percentual	Peso Relativo
Ensino Fundamental	163/ 293	56%	0.19
Ensino Superior	502/542	93%	0.68

Os resultados confirmam nossa hipótese de que os informantes mais jovens aplicariam mais a regra de concordância verbo/sujeito pronominal, uma vez que estão mais expostos a correção gramatical, justificada por “violarem” menos as regras sociais, sendo a não aplicação considerada, do ponto de vista social, como estigmatizada, o que faz com que haja um favorecimento maior da aplicação e o uso padrão da concordância, quando concorda, o sujeito (pronominal) e o verbo, em virtude desse julgamento eles tendem a ser mais sensíveis às normas de prestígio. Devido a essas questões que são disseminadas no âmbito social é que Votre (2003, p.51) afirma que “a escola gera mudanças na fala e na escrita das pessoas que as frequentam e das comunidades discursivas”.

No que se refere ao sexo, tabela 3, os informantes do sexo masculino tendem a fazer maior aplicação da concordância com o percentual de 87% em relação a informantes do sexo feminino com o percentual de 74%. Tal resultado contraria à nossa hipótese de que as formas de prestígio tenderiam a predominar na fala feminina, visto que as mulheres demonstram maior preferência pelas variantes linguísticas de prestígio social.

Tabela 3: Aplicação da regra de concordância entre o verbo e o sujeito em relação ao sexo

Sexo	Apl. / total	Percentual
Feminino	364/490	74%
Masculino	301/345	87%

No entanto, Silva (2005), em seu estudo realizado em três comunidades linguísticas no interior da Bahia, mostrou que os homens lideraram sutilmente a aplicação da concordância verbal, pois segundo ele, estes mantinham mais contato com membros de outros grupos, fazendo com que aumente a necessidade de se adaptarem a novas situações linguísticas e intermediavam o seu contato social e familiar, enquanto as mulheres tendiam a aplicar menos a concordância, uma vez que elas refletiam mais a fala de seu espaço doméstico, apresentando os valores da sua comunidade, encarando assim o meio exterior com certa reserva. Ou seja, as configurações sociais dessa comunidade influenciaram diretamente nos usos linguísticos dos seus membros. Podemos perceber que as configurações das comunidades utilizadas em nosso estudo contribuíram para o resultado alcançado em relação ao sexo. Vejamos a tabela 4:

Tabela 4: Aplicação da regra de concordância verbal em relação as comunidades

Comunidades	Apl. / total	Percentual
Mãe da Divina Graça	298/441	68 %
PIBID	367/394	93 %

Como apresentado na tabela 4, os informantes da comunidade PIBID apresentaram maior realização da concordância verbal, com percentual de 93%. Em tal comunidade foram entrevistadas 12 pessoas, dentre as quais 9 são do sexo masculino. Já na comunidade Mãe da Divina Graça, com percentual de 68%, também entrevistamos 12 informantes, porém dentre eles 11 foram do sexo feminino. Na primeira comunidade todos os membros possuem nível superior, enquanto que segunda apenas três possuem tal nível de escolarização. Essa diferença entre os níveis de escolarização e entre os números de informantes com sexos diferentes pode ter contribuído para que nos nossos resultados em relação ao sexo, apresentados na tabela 3, tenham corroborado para que os homens tendessem a aplicar com maior frequência a regra da concordância, já que estes possuem maior nível de escolaridade, enquanto que as mulheres entrevistadas em sua maioria possuem escolarização básica.

Os informantes do PIBID de Matemática, por terem mais acesso à norma gramatical, ou seja, norma culta, tendem a se monitorar mais quando estão falando, pois têm um maior nível de consciência quanto ao uso de determinadas variantes.

Quanto ao tipo de coleta, os resultados da tabela 5 mostram que esta variável apresentou significância na ocorrência do fenômeno em análise, pois o tipo reunião favoreceu maior aplicação da concordância verbal com o peso relativo de 0,61, enquanto no tipo entrevista a aplicação da regra ocorreu com menor frequência com peso relativo de 0,46.

Tabela 5: Aplicação da regra de concordância verbal relacionada ao tipo de coleta

Tipo de coleta	Apl. / total	Percentual	Peso Relativo
Entrevista	477/628	76%	0.46
Reunião	188/207	91%	0.61

No tipo de coleta reunião, os informantes se monitoram mais, pois apresentam sua face pública e estão mais expostos ao julgamento e pressão social diante dos outros membros do grupo do qual faz parte. Em contrapartida, nas entrevistas os informantes depois de um determinado tempo de conversa acabam relaxando o monitoramento da fala, o que propicia a não aplicação da regra com tanta frequência, pois se envolvem muito no que está sendo relatado e não como está sendo relatado.

Considerações finais

Constatamos que, na variação da concordância entre sujeito pronominal e o verbo, as comunidades de práticas PIBID de Matemática e Mãe da Divina Graça apresentaram como principais variáveis que influenciaram na aplicação da regra padrão a escolaridade e o tipo de coleta, pois estas apresentaram pesos relativos significantes em relação aplicação ou não da concordância. Os resultados apontam que as pessoas com maior nível de escolarização são mais sensíveis ao uso canônico da concordância, pois esta é mais prestigiada socialmente. O tipo de coleta reunião também favoreceu maior aplicação da regra de concordância, uma vez que há maior monitoramento no momento de fala. As variáveis gênero/sexo e faixa etária foram secundárias, já que os resultados indicam que mais jovens tendem a usar maior concordância, pois estão mais expostos às pressões sociais; e que os homens lideram sutilmente o uso da forma de prestígio.

Referências bibliográficas

- COULTHARD, Malcolm. Linguagem e sexo. São Paulo: Ática, 1991.
- ECKERT; Penelope; MCCONNELL-GINET, Sally. Comunidades de práticas: lugar onde co-habitam linguagem, gênero e poder. In: Ana Cristina Ostermann; Beatriz Fontana (orgs.). Linguagem. Gênero. Sexualidade: clássicos traduzidos. São Paulo: Parábola, 2010. p. 93-108.
- FREITAG, Raquel Meister Ko. Banco de dados Falares Sergipanos. Working Papers em Linguística, 14 (2), p. 156-164, 2013.
- FREITAG, Raquel Meister Ko; MARTINS, Marco Antônio; TAVARES, Maria Alice. Bancos de dados sociolinguísticos do português brasileiro e os estudos de terceira onda: potencialidades e limitações. Alfa, 56 (3): p. 917-944, 2012.
- FREITAG, Raquel Meister Ko. Idade: uma variável sociolinguística complexa. Línguas & Letras (UNIOESTE), v. 6, p. 105-121, 2005.

- LABOV, William. Padrões sociolinguísticos. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- Lemle, Miriam. & Naro, Anthony Julius. Competências básicas do Português. Relatório final de pesquisa apresentado às instituições patrocinadoras MOBREAL e Fundação Ford. Rio de Janeiro, 1977, ms.
- LIMA, Wagner Ferreira. A variação da concordância verbal em textos escolares escritos. Alfa, São Paulo, 45: p. 97 -113, 2001.
- PAIVA, Maria da Conceição de. A variável gênero/sexo. In: Maria Cecília Molica; Maria Luiza Braga (orgs.). Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003. P. 33- 42.
- RUBIO, Cássio Florêncio. Por uma definição da variante estigmatizada na concordância verbal no interior paulista: a atuação da variável gênero/sexo. Estudos Linguísticos, XXXVI (2), p. 380-388, 2007.
- SCHERRE, Maria Marta Pereira ; YACOVENCO, Lilian Coutinho . A variação linguística e o papel dos fatores sociais: o gênero do falante em foco. ABRALIN (Curitiba), v. Esp, p. 121-146, 2011.
- SCHERRE, Maria Marta Pereira ; NARO, Anthony Julius . Sobre a concordância de número no português falado do Brasil. In: Giovanni Ruffino. (Org.). Dialletologia, Geolinguística, Sociolinguística (Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza). Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1998, v. 5, p. 509-523.
- SILVA, Jorge Augusto Alves da. A concordância verbal de terceira pessoa do plural no português popular do Brasil: um panorama sociolinguístico de três comunidades do interior do estado da Bahia. 2005. 324 f. tese (Doutorado em Letras e Linguística). Universidade Federal da Bahia, Bahia. 2005
- SOUZA, Constância Borges. Concordância verbal no português falado em Salvador: uma realidade linguística bipolarizada. PAPIA21(2), p. 183-193, 2011. ISSN 0103-9415.
- RODRIGUES, Ângela C. Souza. A concordância verbal no português popular em São Paulo. Tese de Doutorado. USP, FFLCH, São Paulo, 1989.
- RODRIGUES, Ângela C. Souza. Concordância verbal, sociolinguística e história do português brasileiro. Fórum Linguístico, Florianópolis, v. 4, n.1 (115-145), julho de 2004.
- VOTRE, Sebastião José. Relevância da variável escolaridade. In: Maria Cecília Molica; Maria Luiza Braga (orgs.). Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003. P. 51- 58.
- ZILLES, Ana Maria Stahl; MAYA, Leonardo Zechlinski ; SILVA, Karine Quadros da. A concordância verbal com a primeira pessoa do plural na fala de Panambi e Porto Alegre, RS. Organon (UFRGS), Porto Alegre, v. 14, n.28 e 29, p. 195-219, 2000.